

MARGENS PASSADAS: MEDIÇÃO E PASSAGEM COMO DISPOSITIVOS POÉTICOS PARA TEMPOS DE URGÊNCIAS

PEDRO ELIAS PARENTE¹; BARBARA LARRUSCAHIM DA COSTA²; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas (Centro de Artes) – pepsilveirarts@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (Centro de Artes) – barbaralarrus@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (Centro de Artes) – dudaeduarda.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste texto, apresentamos a concepção da videoinstalação *Margens Passadas*, trabalho realizado em conjunto pelos doutorandos Bárbara Larruscahim e Pedro Parente, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES-UFPEL), na linha de Processos de Criação, Poéticas e Cotidiano, e que contam com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Ambos artistas são membros do *Projeto de Pesquisa Territórios, deslocamentos, cartogravistas e cartografias na arte contemporânea a partir do sul do Brasil*, e atuam junto ao Grupo de Pesquisa *Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC (CNPq/UFPEL)*, sob orientação da Profa. Dra. Eduarda A. Gonçalves. Além do processo de elaboração do trabalho, abordamos aqui conceitos e assuntos que permeiam as pesquisas individuais dos autores como: fronteira, margem, passagem, medidas e território, bem como de questões ligadas a um contexto de extremo sul do Brasil e que se juntam no trabalho

A pesquisa de Bárbara Larruscahim possui como mote a fronteira seca entre Brasil e Uruguai, e se desdobra em deslocamentos que se iniciam em Santana do Livramento e se espalham para diferentes direções. Já a pesquisa de Pedro Parente localiza-se nas margens úmidas de Pelotas, onde o artista volta-se à constituição local, os modos de uso dos espaços (Certeau, 1998) e a relação desses com sistemas de medição em um contexto de enchentes no Sul, os quais demonstram sintomas da realidade ecológica na era compreendida como *Antropoceno*. Deste modo, o presente texto busca apresentar pistas para a seguinte questão: Ao propormos uma fusão poética, como reunimos problemáticas de pesquisa pessoais, e ainda assim ressaltamos o que é singular? Para isso elencamos autores como Milton Santos (2008) a fim de trazer definições acerca do território que investigamos. Além disso, discutimos brevemente a linguagem do vídeo, como o meio para propor essa fusão e gerar seu compartilhamento, a qual, a partir de Christine Mello (2008), constitui o ponto nodal do trabalho aqui apresentado.

2. METODOLOGIA

Os trabalhos aqui apresentados são orientados a partir da metodologia de pesquisa em poéticas visuais, que toma como base as considerações de René Passeron, Jean Lancry (2004) e Sandra Rey (2002). Nela se parte da prática para chegar a uma instância teórica da produção artística. No caso da presente produção, ela se desenvolve especificamente a partir da metodologia *Descloccar*. Sistematizada pelo grupo de Pesquisa *Deslocc*, ela consiste em diferentes

operações ligadas a práticas de deslocamentos situadas no contexto de extremo sul do RS, assim como, na utilização de dispositivos inventados pelos artistas ou gerados pelos percursos para dar a ver diferentes pontos de vista sobre situações e lugares nesse território sulino.

Condição de andante, pisante, caminhante, errante, flante, deambulante, nômade, desviante, selvático, passante. Campereando. Invenções e inventários de territórios e compartilhamentos. Passagem, cruzamento, atravessamento de fronteiras, marco de vista. Olhar de modo atento e crítico. [...] Transitar de ônibus, a pé, de carro, de bicicleta, skate, linhas, redes, de esteiras, tirolesa, metrô, bondinho, trem, vagoneta, patins. Pelas ruas, casas, corpos, malhas urbanas, praias, espaços digitais, florestais, sociais, mentais, amorosos, ancestrais, urbanos, campestres, fronteiriços, concretos, subjetivos, afetivos (Grupo Deslocc, 2024, p. 127)

Deste modo, propomos constituir esse cruzamento de fronteiras, marcos de vista e margens em passagem através de uma produção artística conjunta. O trabalho é decorrente de uma provocação “pensar um trabalho em conjunto” realizada durante o convite para participar da exposição *Entre-linhas da paisagem: ressonâncias do passarinhar*, realizada em 2025, na Biblioteca Pública Pelotense, sob curadoria de Kathleen Oliveira e Alice Monsell. Assim, a concepção do trabalho inicia-se através de conversas em deslocamentos pela cidade de Pelotas. A partir disso, pensamos juntos em como unir questões, procedimentos ou meios de nossas pesquisas. O ponto de convergência deu-se quando notamos o vídeo como um meio comum para ambas as investigações. Aliado a isso, o próprio porão da Biblioteca Pública - local onde ocorreu a exposição - gerou uma pista para as confluências em nossa produção. A sala era composta por um corredor e três nichos ao lado direito de quem entra e tijolos aparentes. Os caibros de madeira, que continham pregos e ganchos, propiciavam intervenções no local.

A partir disso, pensamos na constituição de uma videoinstalação que dialogasse com o lugar e possibilitasse o entrecruzamento de poéticas. Para isso utilizamos vídeos que foram gravados por Pedro Parente com um celular, em seus deslocamentos em direção ao canal São Gonçalo, em Pelotas, e em específico a área do quadrado e da Estrada do Engenho Osório. Utilizando o software de edição *Adobe Premiere*, foram realizadas sobreposições. A primeira, foi uma fotografia da régua hídrica do canal, que é colocada em transparência, velando a paisagem, como se funcionasse para dar o nível da água apresentada em vídeo. Posteriormente, acrescentou-se uma *videoperformance* de Bárbara Larruscahim, um corpo feminino que entra em cena, e marca um tecido com um ferro de passar como modo de remeter uma ação doméstica, a relação com a casa e com os seus territórios afetivos em Santana do Livramento. A ação, contudo, opera também a partir da própria forma do ferro, que remete a plantas de embarcações, especialmente a britânica *Brookes*, datada de 1788 que transportava pessoas negras escravizadas, em comportas semelhantes na forma ao formato do ferro.

A performance da artista surge em parte do encontro com o trabalho *Travessias afro atlânticas do artista* Leandro Machado, obra que foi apresentada na exposição itinerante *Presença Negra*, que passou pelo Museu Leopoldo Gotuzzo de Pelotas em 2022. Neste trabalho, o artista realizou marcações sobre um tecido de algodão com o que nomeia de “termogravuras”, obtidas a partir do uso de ferros de passar

roupa a carvão. Ao final, Leandro compõe uma grande embarcação, com a repetição das marcas da base do ferro quente no algodão. O trabalho do artista remete ao período colonial, ao tráfico e processo de escravização de pessoas. Já Larruscahim, busca compreender as relações de trabalho de mulheres no fazer domésticos e nos processos de dominação impostos. Ao compreender as relações tecidas entre a arte, deslocamento forçado de pessoas, trabalho e memória, o vídeo apresentado sobrepõe também estas nuances historiográficas das medidas e dimensões que as águas revelam. Neste sentido, recuperando Sandra Rey (2004) que nos lembra que o pressuposto fundamental para a pesquisa em artes segue o enunciado do que o trabalho contém em si mesmo e na maneira como é feito. Deste modo se constituíram os processos por trás de *Margens passadas* (Figura 1).



Figura 01. Margens Passadas. Videoinstalação. Duração: 4 min, dimensões: 100 x 180m.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Deste modo, propomos constituir uma cartografia, que decorre da sobreposição e amálgama de mídias, imagens, temporalidades e espaços, que trazem dois contextos: Pelotas, uma cidade de fronteiras molhadas por rios, canais, onde a umidade toma conta do ar; e Santana do Livramento, uma cidade dupla, mesclada a Rivera, em que Brasil e Uruguai se unem e onde se fala português e espanhol. Esses territórios, vivenciados em um contexto de sul do Brasil, mesclam-se em camadas, quase como em uma pintura, um recorte que propõe uma observação, e a constituição dessa paisagem na qual corpo e território se unem. É importante destacar que o conceito de território abordado aqui vai além do caráter político-administrativo configurado pela demarcação da noção estatal que objetifica o espaço geográfico. O território abordado na perspectiva de Milton Santos (2008) que o conceitua através de forma cumulativa, a partir do uso, nomeando território usado aquele cujas naturezas culturais, antropológicas, econômicas e sociais coexistem, como um misto, híbrido das condições sociais e físicas, e do entrecruzamento destas relações.

Nesse sentido, é importante apontar ainda o vídeo como um meio que possui fissuras e se mostra aberto, apto a fusões, hibridizações, seja com outros meios, ou mesmo entre poéticas, como aponta Christine Mello (2008) em *Extremidades do Vídeo*. No caso de *Margens Passadas*, o vídeo se relaciona diretamente com a

materialidade do tecido usado como anteparado para projeção, e os índices da ação de Bárbara. Há, nesse sentido, quase que uma tautologia, o gesto de marcar, transforma-se em remarcação, quando a projeção encaixa sobre as marcas no tecido. Uma repetição, semelhante às que se apresentam no cotidiano. Assim como as águas marcaram muros e casas em Pelotas, o trabalho traz um índice no tecido, sobre o qual se projeta o índice da ação e da paisagem, o vídeo. Outro elemento, o som, passou a ganhar especial relevância na montagem e exibição do trabalho. Ecoando entre os nichos do espaço expositivo, os gotejamentos, as marés, o vai e vem da água, impregnaram o espaço, reforçando uma paisagem sonora, que dialogava em especial com a própria umidade do local e as histórias dos cuidadores do espaço, que mencionaram não era incomum o mesmo ser alagado durante as chuvas de inverno.

4. CONCLUSÕES

Pensar e articular poéticas em conjunto é uma característica que carregamos, em parte, por nosso envolvimento no projeto de pesquisa *Des/loc*, que propõe refletir e realizar práticas artísticas de maneira compartilhada e coletiva. Nessa união, encontramos possibilidades de elaborar táticas e, por meio da arte, investigar os cotidianos em que vivemos e atuamos enquanto artistas. Constituímos, assim, uma resiliência, permanecemos atuantes e buscamos também dialogar com dados que refletem as calamidades e urgências de nosso tempo, que afetaram especialmente Pelotas e outras margens do RS.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano** - 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1998. p.351.

LANCRI, Jean. **Sobre como a noite trabalha em estrela e por quê**. Conferência pronunciada em Montreal, na Universidade de Quebec (UQAM), (p. 99 -110). Montreal; 2004.

MACHADO, Leandro. Termogravuras. Disponível em <https://cargocollective.com/leandromachado/Termogravuras> Acesso em 27 ago 2025.

MELLO, Christine; **Extremidades do Vídeo** - São Paulo, Editora Senac, 2008.
REY, Sandra; Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais; in:

O meio como ponto zero: Metodologia de pesquisa em artes visuais. Org. Blanca Brites e Elida Tesler. Porto Alegre. Ed/Universidade UFRGS, 2002. (Coleção visualidade; 4).

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico- informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-SP, 2008.

ROCHA, Eduardo, BELTRAME, TAIS (org). **Verbolário da Caminhografia urbana**. Pelotas-RS. Editora Caseira, 2024. p.127-128; Disponível em: <https://editoracaseira.com/verbolario/>